

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
QUATRO VISITAS DE OTAR IOSELIANI  
7 de Fevereiro de 2024

LES FAVORIS DE LA LUNE / 1984  
(Os Favoritos da Lua)

*Um filme de Otar Iosseliani*

Realização: Otar Iosseliani / Argumento: Gérard Brach e Otar Iosseliani / Direcção de Fotografia: Philippe Théaudière / Cenários: Dimitri Eristavi / Guarda-Roupa: Mic Cheminal / Música: Nicolas Zourabichvili / Som: Dominique Roy / Interpretação: Katja Rupé (Claire), Alix de Montaigu (Delphine Laplace), François Michel (Philippe), Jean-Pierre Beauviala (Colas), Pascal Aubier (Sr. Laplace), Christiane Bailly (Agnès), Bernard Eisenschitz (Gustave), Hans-Peter Cloos (Sr. Duphour-Paquet), Maité Nahir (Sra. Duphour-Paquet), Mathieu Amalric (Julien), Laszlo Szabo (terrorista), etc.

Produção: FR 3 / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês com legendas em português / Duração: 105 minutos / Estreia em Portugal: Quarteto, a 26 de Setembro de 1985.

\*\*\*

“Falar de coisas graves a sorrir” – foi um dos motes de Otar Iosseliani. O que ele não diz (mas mostram os filmes) é que esse sorriso tem várias colorações, capazes de alternar entre o escarninho e impiedoso (depende das personagens e das situações) e o meramente compassivo, quando não mesmo cúmplice (idem, idem). Iosseliani, por esta altura, tinha perfeitamente estabilizado um método cómico muito próprio: uma constante elaboração sobre os mecanismos mais elementares (ou mesmo, mais rudimentares) do burlesco, tão elementar ou rudimentar que, como nos pioneiros ou como em Tati, as palavras são dispensadas (ou, pelo menos, o sentido das palavras é dispensado). E um conceito sempre aplicado às tais “coisas graves”, que por norma são mesmo as “coisas graves” do mundo contemporâneo: questões de sociedade e de política, tratadas numa mescla de abstracção/concretização suficientemente equilibrada para que a “actualidade” e o poder de percussão do “sorriso” de Iosseliani se mantenham – e a verdade é que **Les Favoris de la Lune**, filme com quarenta anos, estão tão fresco que podia ter sido estreado ontem.

É preciso dizer que **Les Favoris de la Lune** corresponde ao período de definitiva afirmação de Iosseliani junto dos circuitos e das plateias ocidentais. Para muita gente, a descoberta do cinema do georgiano aconteceu com este filme. Iosseliani tinha tido sobejas (e porventura inevitáveis) dificuldades com as autoridades soviéticas, que foram uma explicação parcial para que a sua carreira tivesse sido, até então, extremamente irregular. **Les Favoris de la Lune**, que foi a sua primeira longa-metragem de ficção realizada fora da Geórgia (e da URSS), marcou a sua definitiva fixação no Ocidente, e o

arranque para a segunda fase, a mais conhecida e divulgada, da sua obra. O “estilo Iosseliani” estava em desenvolvimento desde o princípio mas, em muitos sentidos, foi com este filme que se começou a estabilizar em torno de uma série de elementos que, desde então, Iosseliani trabalhou com maiores ou menores desvios mas sempre com uma plena coerência – não é que exista forçosamente uma “ruptura” entre os filmes do período soviético e os filmes do período francês, mas fácil será constatar na sua obra posterior a existência de vários frutos cujas sementes foram lançadas em **Les Favoris de la Lune**.

O olhar de Iosseliani não poupa ninguém – e se a Paris deste filme terá certamente elementos específicos colhidos na vivência do cineasta, a verdade é que é irresistível olhar para ela enquanto microcosmos válido para toda a sociedade ocidental, desenvolvida e europeizada (sem que isto exclua elementos referentes à Geórgia natal do cineasta, país onde, de resto, Iosseliani primeiro tentou pôr de pé o projecto). É revelador da universalidade do cinema de Iosseliani: eis um cineasta exilado (mesmo que apenas profissionalmente) que é capaz de conciliar a inspiração do seu país natal com uma amplitude suficiente para que com facilidade se veja em **Les Favoris de la Lune** também uma “desmontagem” do funcionamento do país (e da sociedade) que o acolhe. Independentemente de para onde convergem as simpatias de Iosseliani (como as de um bom anarca, tendem para os subversivos e para os portadores do caos, se tivesse sido feito hoje não faltariam acusações de “simpatia para com o terrorismo”, e um dos momentos mais divertidos do filme é mesmo a destruição, à bomba, daquela horrorosa peça de “arte pública”), **Les Favoris de la Lune** pinta o funcionamento da sociedade contemporânea como uma sucessão de trifulhices e patifarias, pequenas ou grandes: ricos ou pobres, cultos ou iletrados, para todos a questão está em como enganar o próximo. Demasiado “blasé”, ou demasiado vacinado, para acreditar na bondade da “luta de classes”, Iosseliani encena um mundo de espelhos e reflexos, onde a “verdade” não está na mão de ninguém e onde andam todos ao mesmo: ao poder, ao dinheiro, etc. Uma das facetas da obra de Iosseliani desde **Les Favoris de la Lune** tem sido esta crónica das pequenas ou grandes intrujices e falsidades do mundo ocidental; o segredo da sua eficácia está aí, no facto de ser muito mais uma “crónica” do que uma “denúncia” de dedo esticado – Iosseliani põe-se de fora, e faz de conta que se limita a observar (e fá-lo, é aí que entra Tati, segundo aqueles “princípios de observação” que o cineasta de **Playtime** inventou e praticou: um filme de Iosseliani é quase um filme de Tati mas sem necessidade de ter um Hulot para mediar o olhar).

Como todos os filmes de Iosseliani, **Les Favoris de la Lune**, portanto, é um filme para ser visto com atenção aos pormenores – aos pequenos detalhes, aos “gags” que de tão esparsos e finos se arriscam a passar despercebidos. No fim de contas, é só isso que Iosseliani nos pede, quer para o filme para o que se passa à nossa volta: que prestemos atenção aos pormenores. Talvez se descubra que a caricatura de **Les Favoris de la Lune** não é assim tão caricatural quanto isso.

Luís Miguel Oliveira